


  
**AÇORES**  
**TEMPORADA**  
**DE MÚSICA 2010**  
  
[www.azorestemporada.com](http://www.azorestemporada.com)

Uma iniciativa da Presidência do Governo Regional dos Açores através da Direcção Regional da Cultura

# A Música para Cena no Período Republicano

MARIA JOSÉ ARTIAGA  
AÇORIANO ORIENTAL

A implantação da República provocou uma mudança nos hábitos musicais dos melómanos portugueses com o incêndio do Teatro de S. João no Porto, em 1908, e o encerramento do Teatro de S. Carlos, em Lisboa. Neste último caso, não só a suspensão da época lírica como a instabilidade por que passou a gestão do teatro nos anos seguintes, afetariam a sua programação e deslocariam o centro da actividade musical para os concertos dando-lhes um dinamismo que raramente tinham tido. Até estabilizar, a administração do Teatro de S. Carlos passaria pelas mãos de vários empresários, com uma permanência muito irregular na organização do teatro lírico, sem que os diversos governos da República tivessem definido claramente qual a política que pretendiam para a instituição. Assim, em Outubro de 1911, a administração foi entregue a um grupo de empresários espanhóis, com Maurício Bensaúde como director artístico, tendo a actividade da empresa durado cerca de seis meses. Após uma interrupção de seis anos, a gestão da temporada lírica será entregue ao empresário italiano Ercole Casali, que em 1916 tinha estado à frente de uma companhia de ópera no Coliseu dos Recreios em Lisboa, e terá como incumbência a gestão do teatro até 1924. Seguir-se-á um novo período marcado pela instabilidade, tendo a administração do teatro passado pelas mãos de uma companhia francesa em 1925 e, no ano seguinte, pelo empresário Ricardo Covões secundado por Luís de Freitas Branco, na direcção artística. Nos períodos em que a temporada lírica foi interrompida, o Teatro de S. Carlos foi palco de actividade concertística, teatro declamado e opereta. O repertório lírico ouvido entre 1910 e 1926, se assegurou a continuidade relativamente ao período anterior, com obras de autores franceses e italianos, nomeadamente de Gounod, Bizet, Massenet, no primeiro caso, Donizetti, Verdi, Puccini, Mascagni, Leoncavallo, no segundo, também proporcionou estreias de obras com relevância na cena in-



Coliseu dos Recreios em Lisboa

ternacional, como *Parsifal*, de Richard Wagner, *Boris Godunov*, de Modest Mussorgsky, *O Cavaleiro da Rosa*, de Richard Strauss e *Pelléas et Mélisande* de Debussy. Contudo, o que mais marcou este período, foi a recepção da música de Wagner. O debate sobre a obra do mestre de Bayreuth já vinha sendo objecto da imprensa musical portuguesa desde a década de 1870 e a audição de partes instrumentais das suas óperas, ouvidas em concerto, remontava a 1860. Mas foi a partir de 1880 que a sua música passou a ser discutida à luz das ideias positivistas da época, sendo o compositor considerado, pela intelectualidade portuguesa, o único cuja genialidade era digna de suceder a Beethoven. Debate idêntico já ocorrera no espaço europeu e americano provocando reacções aceras e muita polémica na imprensa. A primeira ópera de Wagner estreada em Lisboa, ocorrerá em 1883 com *Tannhäuser* e *O Navio Fantasma* em 1893, *Os Mestres Cantores* em 1902, *Tristão e Isolda* em 1908 e *O Anel do Nibelungo* em 1909. Com a estreia do *Parsifal*, em 30 de Janeiro de 1920, pela iniciativa de Ercole Casale, o debate sobre a obra de Wagner ganhou um novo

impulso, alimentado pelas ideologias da época e pelo conceito introduzido por Wagner da ópera como um todo, em que todas as componentes deviam contribuir para a coesão músico-dramática. No que respeita à recepção de autores portugueses no panorama lírico, as obras ouvidas denunciam o clima patriótico vivido na República. Para além da reposição da ópera *Serrana* (1899) de Alfredo Keil, cuja natureza nacionalista se adequava ao ambiente da época, o compositor que mais se ouviu no palco do teatro foi Rui Coelho (1892-1986) que contou, no início da sua carreira, com a protecção de Teófilo Braga e do governo republicano. Entre 1913 e 1920 foram estreadas três óperas suas: *O Serão da Infanta*, inspirada num texto de Teófilo Braga, foi a primeira obra de um compositor nacional a ser cantada em português no S. Carlos, no dia da Restauração em 1 de Dezembro de 1913; *Crisfal*, com poema de Afonso Lopes Vieira, estreou-se em 29 de Fevereiro de 1920 e *O Auto do Berço*, aludindo ao nascimento da nacionalidade, com poema de António Correia de Oliveira, foi estreada em 3 de Março de 1921. As duas últimas foram cantadas em italiano por uma companhia italiana que

na altura tinha sido contratada para o teatro. A partir dos anos vinte, Rui Coelho enveredará por um nacionalismo militante patente na sua restante obra vocal e instrumental. Dadas as diversas interrupções verificadas nas temporadas líricas do Teatro de S. Carlos, uma outra instituição ganhou relevo neste domínio e veio, em paralelo, suprir o que escasseava na principal sala de espectáculos da capital. Tratou-se do Coliseu dos Recreios, inaugurado em 1890 com uma lotação oficial para cerca de 4.000 pessoas. Esta grande sala, que apresentava na época uma enorme variedade de espectáculos — circo, ópera, opereta, bailado, cinema, exposições ginomoras —, assumiu-se desde o início com uma vocação popular, facilitando o acesso aos seus espectáculos a um preço acessível. As óperas postas em cena pertenciam ao repertório italiano e francês mais conhecido e popular. Sofrendo poucas alterações de ano para ano, as temporadas eram constituídas por grandes sucessos como *O Barbeiro de Sevilha* de Rossini, ou *Carmen de Bizet*, e pelo repertório mais canónico de Verdi, Donizetti, Puccini, Mascagni e Leoncavallo, e de alguns franceses como Gounod,

Massenet e Saint-Saëns, este último dirigindo as suas óperas em Maio e Junho de 1914. Fora do domínio franco-italiano, ouviu-se o *Tannhäuser* e o *Siegfried* de Wagner. Os espectáculos atraíam um grande público constituído por diferentes extractos sociais. Como foi referido, os espectáculos músico-teatrais estenderam-se, quer no Teatro de S. Carlos quer no Coliseu dos Recreios, à opereta e a outros géneros como a zarzuela. No que respeita à primeira, após a grande popularidade obtida pelo repertório dos mestres franceses a partir de meados do século XIX, foi a vez dos austríacos Johann Strauss, Oscar Strauss e do austro-húngaro Franz Lehár, entre outros, com as famosas obras *O Morcego*, *Um Sonho de Valsa* e *Viúva Alegre*. Quer nestes espectáculos quer principalmente nos de ópera, participaram alguns intérpretes famosos, como Tito Schipa, e vários cantores nacionais, entre os quais Maria Júdice da Costa e Alfredo Mascarenhas com uma carreira internacional. Acontecimento marcante na história do Coliseu dos Recreios, mas de pouco impacto no grande público, foi a apresentação da companhia dos Ballets Russes de Diaghilev em Dezembro de 1917, em plena revolução sidonista. A companhia apresentou-se igualmente no Teatro de S. Carlos em Janeiro de 1918, tendo a sua presença exercido um grande impacto no grupo futurista que, num texto assinado por José de Almada Negreiros, José Pacheco e Rui Coelho, chamava a atenção para a presença do grupo em Lisboa considerando-o «Uma das mais belas etapas da civilização da Europa moderna». No rescaldo desta passagem, foram levados à cena dois bailados de Rui Coelho: o *Bailado do Encantamento*, de 1918, sobre um poema de Nobre de Melo, e *A Princesa de Sapatos de Ferro*, com argumento e música de Rui Coelho. Ambos tiveram coreografia de José de Almada Negreiros a quem Rui Coelho esteve ligado através do movimento modernista, mas com o qual se incompatibilizou em 1925. Se a música para cena, em particular a ópera, teve um percurso mais acidentado, em contrapartida a música instrumental será a grande protagonista deste período. ♦



Governo dos Açores  
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO  
Direcção Regional da Cultura

## Locais de concerto nos Açores

### Teatro Micaelense em Ponta Delgada

O Teatro Micaelense abriu oficialmente as suas portas em 1865. De feição neoclássica, como era de uso na época, o novo edifício, apresentava um aspecto muito semelhante ao do Teatro da Trindade, em Lisboa, curiosamente projectado no mesmo ano e inaugurado no seguinte. A sala de espectáculos, com uma boca de cena de 7,5 metros, era espaçosa e precedida de um amplo vestíbulo, ao qual se acedia por cinco portas. Centro da vida cultural e

mundana de Ponta Delgada, essas funções seriam porém tragicamente interrompidas por um incêndio, deflagrado a 9 de Fevereiro de 1930, que o destruiu por completo. Logo se pensou na sua reconstrução, mas, por falta de meios financeiros, a sua edificação, agora num outro local, só viria a concretizar-se em 1946, graças aos avultados lucros da Companhia de Navegação Carregadores Açorianos. Inaugurado no princípio da década de 50, o novo teatro, com risco da autoria de Raúl Rodrigues de Lima, o mesmo arquitecto que concebeu o já desaparecido cine-teatro Mo-

numental, em Lisboa, exibia todas as características inerentes ao estilo modernista da época, combinando a solidez do betão com a delicadeza dos materiais escolhidos para equipamento e decoração dos seus amplos interiores. Em 2003, por iniciativa do Governo Regional dos Açores e sob a responsabilidade do arquitecto Manuel Salgado, procedeu-se a importantes obras de remodelação e de readaptação dos seus espaços a centro cultural e de congressos, permitindo a realização de exposições, para além dos tradicionais espectáculos de música, dança e teatro declamado. ♦



Teatro Micaelense

## Compositores da Época da República



José Viana da Mota

**Nome:** José Viana da Mota  
**Nascimento:** São Tomé, 22 de Abril de 1868  
**Morte:** Lisboa, 1 de Junho de 1948

**Obras principais:** *Invocação dos Lusíadas*, *Sinfonia «À Pátria»*, *Quarteto em Lá Menor*, *Quarteto em Mi bemol Maior*, *Quarteto em Sol Maior*, *Cenas Portuguesas* e outras peças para piano, além de melodias sobre poemas de Goethe, Eichendorff, Cornelius, Raabe, João de Deus, Almeida Garrett e Guerra Junqueiro.

O maior pianista português de todos os tempos e um dos maiores entre os seus pares, foi aluno de Franz Liszt em Weimar e de Hans von Bülow em Frankfurt. Centrou a sua actividade artística em Berlim, onde residiu mais de 30 anos, dali havendo partido para as muitas *tournées* que efectuou pela Europa e pelas Américas. Forçado a regressar a Portugal por ocasião da deflagração da

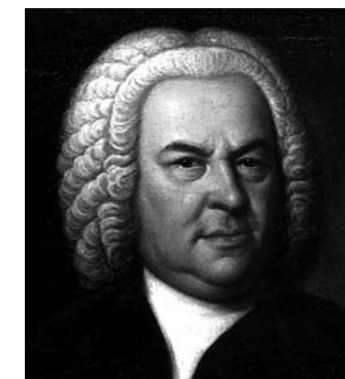
Grande Guerra, ensinou depois no Conservatório de Génève e, terminado o conflito, voltou a Lisboa, a fim de ocupar os cargos de director e de professor do Conservatório Nacional, nos quais se manteve até 1938, ano em que se jubilou. Como compositor a sua música inscreve-se claramente na corrente nacionalista, baseando-se muitas das suas obras em canções e danças populares, e a sua

única sinfonia, denominada «À Pátria» e evocativa de *Os Lusíadas*, de Camões, expressa, como o próprio título indica, sentimentos patrióticos. Para além das actividades de concertista, pedagogo e compositor, José Viana da Mota foi ainda crítico e cronista musical, além de autor de uma biografia de Liszt e de um livro de memórias que tituló de *Música e Músicos Alemães*. ♦

### A NÃO PERDER...

Na próxima 2.ª feira, dia 3, o programa «A Europa da Música». Sempre às 18h15 na Antena 1 - Açores.

### SABIA QUE...



**J. S. Bach**  
(1685-1750)

Grande fumador de cachimbo, Bach, era senhor de uma boa colecção de lés, de marca «Clays», de fabrico inglês. Contam as crónicas que por ocasião do seu segundo casamento, a 3 de Dezembro de 1721, com Ana Magdalena Wülken, a terminar um lauto copo-de-água, com boa vianda e vinho do Reno, foram distribuídos cachimbos e tabaco por todos os convivas. ♦



**M. Ravel**  
(1875-1937)

Ravel fez tudo para combater na Grande Guerra. Não o quiseram alistar por não ter o peso e a altura requeridos. Por ironia do destino, acabou por ser incorporado como condutor de veículos pesados na frente de batalha, guiando ambulâncias, a mesma especialidade que, durante o mesmo conflito, teve o corpulento Ernest Hemingway. ♦

## Trio.pt em recital na Terceira e em São Miguel

Dois recitais de música de câmara pelo Trio.pt, dia 28 de Maio no Centro Cultural e de Congressos em Angra do Heroísmo, e no dia 29 de Maio, na Igreja do Colégio em Ponta Delgada, às 21h30



Trio.pt

A Temporada de Música 2010 apresenta este mês dois recitais de música de câmara com o Trio.pt, formado por Pedro Morais Andrade, um dos mais destacados violinistas portugueses da sua geração, Paulo Gaio Lima, violoncelista, que foi aluno de Magdalena Sá e Costa, e pelo pianista açoriano Paulo Pacheco que se formou no Conservatório Regional de Ponta Delgada, nas classes de Graça Paiva Cunha e de António Teves, licenciou-se na ESML na classe de Miguel Henriques, e obteve o mestrado na Universidade do Norte do Texas, sob a orientação de Vladimir Viardo.

O Trio.pt já se apresentou no Festival Internacional de Música de Guimarães, na Temporada de Música de Belgais, no Festival de

Música de Vila Flor, no Museu Gulbenkian e no Instituto Franco-Português. As obras em programa são da autoria de J. Brahms (1833-1897), compositor alemão e um

dos maiores representantes do romantismo musical europeu do século XIX, e de A. Arenski (1861-1906), compositor russo, muito influenciado por P. I. Tchaikovski, que se destacou no

repertório romântico com as suas obras para música de câmara. Para além de compositor, era pianista e maestro, e foi professor de S. Rachmaninoff e de A. Scriabine. ♦